Central Internacional de Análises Econômicas e de Estudos de Mercado Agropecuário

PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 04/04/2025 e 10/04/2025

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum[1]

[1] **Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (PPGDR/FIDENE/UNIJUI).**

uranteENDEREÇO: RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSÍLON CX. POSTAL: 560
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL
FONE: (55) 0**55 3332-0487 FAX: (55) 0**55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US$/bushel)	FARELO SOJA (US$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US$/bushel)	MILHO (US$/bushel)
04/04/2025	9,77	283,10	45,84	5,29	4,60
07/04/2025	9,83	288,40	45,15	5,36	4,64
08/04/2025	9,92	291,00	44,94	5,40	4,69
09/04/2025	10,12	294,50	46,19	5,42	4,74
10/04/2025	10,29	297,90	46,32	5,38	4,83
Média	**9,99**	**290,98**	**45,69**	**5,37**	**4,70**

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos **bushel de milho= 25,40 quilos**
Libra peso = 0,45359 quilo **tonelada curta = 907,18 quilos**
Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

Médias semanais (compra e venda) no mercado físico brasileiro - em praças selecionadas (em R$/Saco)

SOJA		
RS – Nonoai	**126,00**	
RS – Não Me Toque	**126,00**	
PR – Pato Branco	**124,50**	
PR – M.C.Rondon	**121,00**	
MT – C.N.Parecis	**106,00**	
MS – Maracaju	**123,00**	
GO - Rio Verde	**116,00**	
BA – L.E.Magalhães	**118,00**	
MILHO(**)		
Porto de Santos	**75,00**	CIF
Porto de Paranaguá	**70,00**	CIF
Porto de Rio Grande	**SC**	
RS – Não-Me-Toque	**67,00**	
SC – Rio do Sul	**70,00**	
PR – M.C.Rondon	**61,00**	
PR – Pato Branco	**66,00**	
MT – C.N.Parecis	**78,00**	
MS – Maracaju	**73,00**	
SP – Itapetininga	**84,00**	
SP – Campinas	**87,00**	CIF
GO – Rio Verde	**73,00**	
GO – Jataí	**73,00**	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	**75,00**	
RS – Não Me Toque	**75,00**	
PR – Pato Branco	**80,00**	
PR – M.C.Rondon	**80,00**	

Período: 09/04/2025
SC=Sem Cotação.
(*) Valor de compra.
(**)Preços em reais/saco.
Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 10/04/2025

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R$	**68,56**	**124,78**	**74,33**

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

Preços de outros produtos no RS

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 10/04/2025

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	**76,52**
Feijão (saco 60 Kg)	**220,50**
Sorgo (saco 60 Kg)	**61,00*** **
Suíno tipo carne (Kg vivo)	**6,32**
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	**2,68****
Boi gordo (Kg vivo)*	**10,82**

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias
(**) Referência Fevereiro/25, cf. Cepea/Esalq
(***) Cf. Notícias Agrícolas
ND= Não Disponível
Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

uranteENDEREÇO: RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSÍLON CX. POSTAL: 560
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL
FONE: (55) 0**55 3332-0487 FAX: (55) 0**55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br

MERCADO DA SOJA

Em uma semana de fortes oscilações, provocadas pela guerra tarifária imposta por Donald Trump, presidente dos EUA, e pelo anúncio de mais um relatório de oferta e demanda do USDA, a cotação da soja, para o primeiro mês cotado, após recuar para US$ 9,77/bushel no dia 04/04, subiu para US$ 10,12 no dia 09/04, fechando em US$ 10,29/bushel a quinta-feira (10), contra US$ 10,11 uma semana antes. O fechamento desta quinta-feira já refletiu o relatório, anunciado neste mesmo dia 10, e um novo aumento de tarifas dos EUA contra os produtos vindos da China, com o acumulado passando a 125%.

Em relação ao relatório de oferta e demanda, o quadro para 2024/25 praticamente não sofreu alterações em relação ao relatório de março. A principal diferença foi o aumento de um milhão de toneladas nos estoques finais mundiais, com os mesmos passando a 122,5 milhões de toneladas. Lembrando que é a partir do relatório de maio que se iniciam as projeções de produção, estoques e comércio para o novo ano comercial 2025/26.

Dito isso, há uma incerteza geral sobre em que estágio irá parar a atual guerra comercial mundial imposta pelos EUA. O próprio Trump ora ataca ora recua, já surgindo internamente, em seu governo e sociedade, um grande número de insatisfeitos com tal decisão protecionista.

Neste sentido, nesta quinta-feira (10) os EUA anunciaram uma trégua de três meses na aplicação das tarifas sobre a grande maioria dos países, menos para a China. Nesse sentido, a União Europeia, que já havia anunciado aumento igualmente de suas tarifas de importação sobre produtos estadunidenses, recuou e indicou uma trégua também de 90 dias. Este momentâneo distencionamento na guerra comercial, mesmo não atingindo a China, fez os mercados se reacomodarem desde o dia 09/04. Mas é preciso esperar, pois a tensão comercial está longe de terminar, especialmente em se tratando de Trump, um presidente populista, despreparado e seguidamente irracional em suas ações.

Por outro lado, na semana encerrada em 3 de abril, os EUA embarcaram 804.270 toneladas de soja, ficando próximo do nível superior esperado pelo mercado. Assim, no atual ano comercial as exportações estadunidenses atingem a 41,6 milhões de toneladas, ou seja,11% acima do registrado um ano antes na mesma época.

Enquanto isso, a China iniciou a aplicação de tarifas de 84% sobre todos os produtos importados dos EUA, incluindo a soja. Esta prática, em represália às tarifas impostas por Trump, deverá beneficiar o Brasil e sua exportação de soja para o país asiático, embora os chineses já estejam bem estocados neste momento. Mas, o fato da China comprar mais soja do Brasil deverá elevar os prêmios nos portos brasileiros, o que pode repercutir favoravelmente nos preços da soja ao produtor.

Mesmo assim, a China continua a receber soja estadunidense. Espera-se três milhões de toneladas para abril-maio do corrente ano, compradas pela empresa estatal Sinograin. Segundo analistas deste mercado, “provavelmente a empresa pagará os impostos mais altos, mas ainda assim poderá ter que vender com desconto no mercado chinês em meio à concorrência de grãos mais baratos do Brasil” (cf. Reuters).

ENDEREÇO: RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSÍLON CX. POSTAL: 560
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL
FONE: (55) 0**55 3332-0487 FAX: (55) 0**55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br

Soma-se a isso a recuperação momentânea do farelo de soja em Chicago, com a tonelada curta subindo 4% entre os dias 04 e 09 de abril. Além do conflito comercial, esta alta se deve ao fato de que há preocupações quanto ao esmagamento de soja na Argentina (maior exportador mundial de farelo e óleo de soja), pois a empresa local Vicentin paralisou suas atividades em função de problemas financeiros. A empresa acumula dívidas que superam US$ 1,0 bilhão. A mesma representa de 6% a 9% da capacidade de esmagamento do vizinho país.

Em contrapartida, o óleo de soja, em Chicago, entre os dias 02 e 08 de abril, perdeu 7,5% de seu valor, limitando as altas do grão de soja. Esta queda se dá pelo baixo preço do óleo de palma, forte concorrente no mercado mundial, e pelo recuo importante nos preços do petróleo, este puxado pelo receio de uma recessão econômica nos EUA devido as medidas comerciais adotadas por Trump.

E aqui no Brasil, os preços oscilaram igualmente, sob pressão dos movimentos de Chicago, das tendências dos prêmios e, em particular, do câmbio. Este último, durante a semana, chegou a bater em R$ 6,09 por dólar, recuando posteriormente para R$ 5,84 em um mesmo dia (09/04). Assim, os preços ficaram relativamente estáveis, mas com viés de alta no curto prazo, dependendo da guerra comercial. A média gaúcha fechou a semana em R$ 124,78/saco, enquanto as principais praças locais praticaram R$ 126,00. Já nas demais regiões brasileiras, os preços médios oscilaram entre R$ 106,00 e R$ 123,00/saco. Por aqui, as atenções se voltam particularmente para os prêmios praticados em nossos portos, embora os mesmos tenham recuado nesta corrente semana. Afinal, a China já comprava, antes da guerra comercial, uma quantidade considerável de soja brasileira, não devendo aumentar muito o seu volume apesar das tarifas impostas pelos EUA.

Afora isso, a colheita da atual safra brasileira estaria ao redor de 90% no momento. O Rio Grande do Sul, o Estado mais atrasado, teria colhido 39% de sua área de soja, contra 34% na média, com a quebra de safra se confirmando ao redor de 50% em relação ao esperado.

Em termos comerciais, o Brasil exportou um recorde de soja para um mês de março, atingindo a 14,68 milhões de toneladas. Esse volume foi 16,5% superior ao registrado em março do ano passado. Muito se deve a forte presença da China no mercado nacional no primeiro trimestre do corrente ano.

MERCADO DO MILHO

Contrariamente à soja, a cotação do milho, em Chicago, foi de constantes altas durante esta semana, mesmo que de intensidades pequenas. O bushel do cereal fechou esta quinta-feira (10), dia de anúncio de mais um relatório de oferta e demanda do USDA, em US$ 4,83, contra US$ 4,57 uma semana antes.

O relatório, para o ano de 2024/25, aumentou em um milhão de toneladas a produção mundial, porém, reduziu em pouco mais de um milhão de toneladas os estoques finais mundiais. Já os estoques finais estadunidenses foram reduzidos em dois milhões de toneladas. O restante ficou praticamente igual ao relatório de março.

Dito isso, as exportações de milho, por parte dos EUA, na semana encerrada em 03/04, atingiram a 1,6 milhão de toneladas, ficando no limite superior esperado pelo mercado. Com isso, o total exportado no atual ano comercial atingiu a 35,6 milhões de toneladas, sendo este volume 30% superior ao mesmo período do ano passado.

E aqui no Brasil, os preços do cereal recuaram nesta semana, seguindo uma tendência que começou no início de abril. Os compradores, diante das fortes altas do cereal anteriormente, recuaram, pois já estão bastante abastecidos, ficando na expectativa de novas entradas de milho a partir da finalização da colheita de verão. Em paralelo, os vendedores, preocupados com o recuo nos preços, tentaram acelerar as vendas no mercado físico de balcão. Muitas das atenções se voltam, agora, para o comportamento climático junto à safrinha. Por outro lado, a guerra comercial imposta pelos EUA ao mundo, pode elevar a demanda pelo milho brasileiro, porém, com o consumo interno crescendo, será preciso uma excelente safra para podermos aumentar os volumes exportados. No momento, não é o caso.

Tanto é verdade que a produção total de milho no Brasil, em 2024/25, vem sendo estimada menor do que o consumo no país, agora incrementado pela demanda do produto para a fabricação de etanol. Não se descarta até mesmo importações maiores do cereal neste ano. Além disso, a safrinha está longe de ser garantida, pois apenas encerrou o seu plantio e muitas incertezas climáticas se fazem presentes. Para analistas do Rabobank, banco holandês, em sendo a produção final de 126 milhões de toneladas, e o consumo sendo esperado ao redor de 91 milhões de toneladas (incluindo a produção para etanol), retirando os estoques, que são curtos no momento, o país poderá exportar três milhões de toneladas a menos do que o fez no ano anterior. Ou seja, algo em torno de 36 milhões de toneladas. Pesa ainda neste raciocínio o fato de o milho brasileiro estar mais caro do que o dos concorrentes. Os preços estão em torno de 40% mais caros, na exportação, em relação ao ano anterior. Já as importações geralmente estão concentradas no Paraguai, de onde o Brasil trouxe 1,6 milhão de toneladas em 2024. Nos últimos 10 anos, o maior volume importado de milho, pelo Brasil, foi em 2021 com 3,2 milhões de toneladas. No atual ano comercial, nos primeiros seis meses do ano, as importações aumentaram 60% em relação ao ano anterior. A maior parte vinda do Paraguai.

Por sua vez, segundo a Conab, o plantio do milho segunda safra está concluído neste momento no país. Enquanto isso, a colheita do milho de verão chega a 60% da área cultivada, contra 54,8% na média dos últimos cinco anos. No Rio Grande do Sul, a mesma atingia a 83% da área, no dia 03/04, contra 70% na média histórica para esta data (cf. Emater). E no Paraná, segundo o Deral, já há perdas irreversíveis na safrinha de milho. Com 40% das lavouras em floração e 13% em frutificação, o referido Estado apresentava 12% das lavouras em condições ruins e 23% em situação média no dia 07/04.

E no Mato Grosso, conforme o Imea (Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária), a safrinha 2023/24 está com 98,9% comercializada, enquanto a de 2024/25 alcança 41,9% já vendida. Nesta última safra, as vendas estão 16,7 pontos percentuais maiores do que a safra anterior, nesta época. Segundo ainda o Instituto, o preço médio do milho, para a safra 2024/25, no Mato Grosso, ficou em R$ 46,65/saco,

com avanço de 3,4% sobre fevereiro/25. Enfim, a futura safra 2025/26 está com 1,9% da produção prevista já comercializada, com preço médio de R$ 43,47/saco.

E na exportação, a Secex informou que, nos quatro primeiros dias úteis de abril, o Brasil vendeu 9.898 toneladas do cereal, com a média diária ficando 17,7% abaixo do registrado em abril do ano passado. O preço médio pago pela tonelada do milho brasileiro caiu 35,4%, passando de US$ 359,90, registrados em abril de 2024, para US$ 232,60 registrados até aqui no quarto mês de 2025.

Enfim, vale destacar que, entre fevereiro e março de 2025, o diferencial médio de preços de milho (R$/saco), entre Sorriso (MT) e o Porto de Paranaguá (PR), atingiu o menor patamar desde 2021, ano em que o país passou pelo déficit mais profundo do cereal registrado na série histórica, com menos 6,4 milhões de toneladas.

“O preço do milho em Sorriso teria atingido a R$ 76,00/saco em 25 de março de 2025, nível próximo à sua máxima histórica do período, que foi de R$ 78,50/saco, ocorrido em 2021. Mesmo que o preço do cereal, nos portos, também tenha experimentado valorizações, as altas internacionais foram percentualmente mais significativas, resultando em diferenciais mais apertados. Além disso, com os preços domésticos mais atrativos que a paridade de exportação, de forma consistente ao longo de 2024 e 2025, os incentivos para vendas externas nos portos são limitados. A expectativa é que os preços do milho, em especial na região Centro-Oeste, sigam em patamar relativamente elevado até o ingresso do milho safrinha 2025, esperado apenas em junho” (cf. Datagro).

MERCADO DO TRIGO

A cotação do trigo, para o primeiro mês cotado em Chicago, apresentou leve elevação nesta semana, com o bushel fechando a quinta-feira (10) em US$ 5,38, contra US$ 5,36 uma semana antes.

Este mercado não é muito atingido pela guerra comercial imposta pelos EUA, pois a China, assim como no caso do milho, é forte produtora do cereal. A União Europeia, inclusive, é exportadora de trigo. Mas, o mercado esteve na expectativa do relatório de oferta e demanda, anunciado pelo USDA neste dia 10/04.

Para o ano 2024/25 este relatório pouco trouxe de novidades em relação a março, tendo apenas aumentado em quase um milhão de toneladas os estoques finais do cereal nos EUA.

Dito isso, os EUA embarcaram 334.888 toneladas do cereal na semana encerrada em 03/04, ficando próximo do limite inferior esperado pelo mercado. Na totalidade do ano comercial atual, até o momento, as exportações estadunidenses somam 17,7 milhões de toneladas, ou seja, 15% acima do registrado um ano antes.

De forma geral, não se pode ignorar que este mercado também enfrenta incertezas, devido a guerra comercial e as questões climáticas mundo afora. Embora a demanda continue importante, há fatores que pressionam os preços para baixo. Dentre eles, a menor competitividade do trigo estadunidense, a partir do início da guerra comercial

imposta por Trump, fato que leva importadores a se deslocarem para outros fornecedores. Soma-se a isso as condições favoráveis no Leste Europeu e países como a França, o que deve contribuir para uma safra melhor no ano 2025/26.

Já no Brasil, os preços do cereal se mantêm em alta, pois há muito pouca oferta do produto de qualidade superior e mesmo de baixa qualidade, neste momento de entressafra nacional. Isso provoca aumento nas importações do cereal. Em março o Brasil comprou 651.790 toneladas, 12% acima do adquiriro em fevereiro e 27,6% acima do comprado em março do ano passado. O preço médio pago na importação foi de US$ 234,07/tonelada no mês passado. Considerando o câmbio médio, esse valor representou R$ 1.344,25/tonelada (R$ 80,60/saco) posto indústria. Ou seja, mais competitivo que o valor praticado no mercado interno (cf. Cepea).

No primeiro trimestre do corrente ano o Brasil importou 1,95 milhão de toneladas, ou seja, 18% acima do registrado no mesmo período do ano passado. Já as exportações, somaram 280.060 toneladas em março passado, somando, no primeiro trimestre um total de 1,46 milhão de toneladas, ou seja, 28% abaixo de igual período do ano passado (cf. Secex).

Diante da pouca oferta do produto nacional, a busca pelo trigo da nova safra já começou no Rio Grande do Sul, antes mesmo de se iniciar o plantio. Os exportadores estão oferecendo R$ 1.400,00/tonelada no porto, enquanto os moinhos oferecem R$ 1.330,00 no interior. Assim, até a colheita, a tendência continua sendo de alta nos preços. Atualmente, produtores pedem entre R$ 1.500,00 e R$ 1.550,00/tonelada, com compradores falando em R$ 1.450,00 no interior (R$ 87,00/saco FOB). Para dezembro, o trigo futuro é cotado a R$ 1.400,00/tonelada (R$ 84,00/saco) sobre rodas no porto. Em Santa Catarina, os moinhos voltaram a buscar produto local, ainda que a oferta seja limitada. Os preços se equiparam aos do Paraná, ao redor de R$ 1.700,00/tonelada (R$ 102,00/saco FOB), mas sem aceitação pelos compradores. E no Paraná, o mercado continua travado pela escassez de trigo e pela solicitação de preços elevados. Vendedores consideram R$ 1.700,00 FOB para negociar algum volume, enquanto moinhos aceitam R$ 1.700,00 CIF, para entrega em junho. O trigo paraguaio é ofertado a US$ 280,00/tonelada no Oeste paranaense (ao câmbio de hoje, algo em torno de R$ 98,95/saco) (cf.TF Agroeconômica in: Agrolink).

ENDEREÇO: RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSÍLON CX. POSTAL: 560
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL
FONE: (55) 0**55 3332-0487 FAX: (55) 0**55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br